

A TV COMO OBJETO DE LEITURA DA IMAGEM NO CONTEXTO ESCOLAR: UMA PESQUISA-AÇÃO COM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

Mírian Moema Filgueira Pinheiro
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
www.ufrn.br

Resumo

Esta pesquisa procura refletir sobre a dinâmica da recepção televisiva, estudando a microssérie **Hoje é dia de Maria**, produzida pela Rede Globo de Televisão e tem por objetivo geral, promover inferências no processo de leitura da imagem, principalmente à leitura estética no contexto escolar, visando à formação de leitores visuais proficientes. A pesquisa foi desenvolvida com alunos da 3ª série do ensino médio em uma escola pública do Estado, situada geograficamente na cidade do Natal, RN. O enquadre teórico parte dos pressupostos do sociointeracionismo cognitivista para entender a linguagem, ancorada nas ideias de Bakhtin (1994) e Vygotsky (1998) para entender a interação social e a Teoria da Recepção Estética e do Efeito com Jauss (1979) e Iser (1999), de forma a compreender a experiência estética, efeito estético e produção de sentido. A abordagem metodológica assume um viés qualitativo de caráter interpretativista, dada pelos momentos de entrevistas, observação, questionário e da aplicação de um conjunto de atividades investigativas, como exposição de temas introdutórios, veiculação de imagens e processo de mediação. O trabalho é fruto de uma investigação-ação, num processo de intervenção pedagógica na escola. Os resultados verificaram que os recursos linguísticos interacionais mobilizados pelos interlocutores demonstrou a falta de repertório e conhecimento prévio sobre leitura de imagem, ficando evidente que os participantes da pesquisa desconheciam sobre leitura de imagem, o que os levou a fazer inicialmente uma leitura superficial. Mas, no decorrer dos encontros, foi possível, perceber as transformações, com o auxílio da mediação que os ajudou reflexionar o texto audiovisual de forma mais autônoma e segura.

PALAVRAS-CHAVE: *Estudos da Linguagem, Televisão, Literatura, Leitura da imagem, Escola.*

Introdução

De acordo com as informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/IBGE (2001), dos 5.506 municípios brasileiros, 93% não possuem sala de cinema, 85% não têm museus e teatros e 25% não dispõem de bibliotecas. Por outro lado, o Brasil conta com canais de televisão que cobrem aproximadamente 98% do território nacional. Com esse quadro, não é difícil supor que a televisão reina absoluta no que diz respeito ao acesso a informação, cultura e lazer de grande parte da população brasileira. Apontamos duas considerações relevantes que justificam o estudo desse meio de comunicação como objeto de pesquisa. Em primeiro lugar, porque a televisão atinge 145 milhões de brasileiros, muitos dos quais têm nela a sua fonte de informação, lazer e cultura. Em segundo lugar, porque a televisão, assim como o cinema, a literatura, o teatro, ou seja, a arte de um modo geral funciona como uma vitrine pela qual a sociedade pode se ver. Nesse sentido, julgamos ser importante nos determos mais na perspectiva de que existe uma relação direta entre a televisão, literatura, leitura e escola.

Não são muitas as pesquisas dedicadas a qualificar e/ou diagnosticar a relação dos meios de comunicação com a escola, especialmente a televisão. Um dos fatores apontados refere-se ao fato de que alguns papéis que eram da escola se transferiram para a TV, e, ao perder espaço para a televisão, a escola se distanciou dos temas ligados à comunicação. Para que essa realidade mude, é preciso ampliar o diálogo e o debate entre essas duas áreas, Educação e Comunicação, pois, na atualidade, não há como desconsiderar a ação da mídia na formação dos alunos, dos professores e da escola enquanto instituição. Algumas propostas de trabalhos com a televisão em sala de aula são encontradas, no projeto TV Escola, do Governo Federal, que equipou escolas de todo o país com televisores, videocassetes e antenas parabólicas, visando à formação continuada dos professores e alunos através de uma programação específica, produzida especialmente para tal fim.

Neste texto refletimos sobre a dinâmica da recepção televisiva estudando a microssérie **Hoje é dia de Maria**, produzida pela Rede Globo de Televisão em janeiro de 2005, em uma adaptação do texto escrito por Carlos Alberto Sofredini. A obra para a televisão contém oito episódios e utilizou como base os contos de Luís da Câmara Cascudo e Sílvio Romero e foi dirigida por Luís Fernando de Carvalho. Nossa proposta trata, então, de pensar o texto de ficção como estrutura de efeitos potenciais, que não é portadora de um sentido transparente a ser colhido pelos receptores, mas é capaz de sugerir modos de leitura como obra aberta, lacunar,

que ostenta virtualidades e sugestões de interpretação que nos encaminham à indicação de um percurso interpretativo. A escolha de **Hoje é dia de Maria** como *corpus* para a realização do trabalho justifica-se pelo valor artístico-literário que a microssérie detém e por ter sido um marco qualitativo na inovação da linguagem televisiva contemporânea, utilizando-se de recursos estéticos, técnicos e simbólicos para construir uma narrativa detentora de marcas expressivas da contemporaneidade. Dada a sua qualidade estética, com características que transcendem o senso comum, a microssérie apresenta uma densidade semântica que possivelmente promoveu conflitos de interpretação junto ao público receptor. Essa situação foi identificada através dos dados quantitativos apresentados pelo jornal eletrônico Yahoo Notícias (2005), o qual indica um nível de audiência que atingiu uma média de 36 pontos no Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística IBOPE.

1. Universo da Pesquisa

Os participantes desta pesquisa foram alunos da 3ª série do ensino médio de ambos os sexos, com faixa etária compreendida entre 17 a 51 anos de idade. Realizamos uma Pesquisa-Ação que traz, em seu pressuposto, a reconfiguração do status estabelecido no cenário escolar em cujo contexto fizemos uma intervenção para verificar as respostas dos aprendizes. Como campo de pesquisa, selecionamos uma escola da rede pública estadual, situada geograficamente na cidade de Natal-RN. Escolhemos trabalhar com essa série escolar tendo em vista que esse período marca a conclusão da escolarização formal e a perspectiva de entrada na universidade e, por essa razão, estariam mais preocupados com a melhoria de suas qualificações profissionais. Adotamos uma abordagem participativa, na qual alunos e pesquisador se engajaram simultaneamente em um contexto horizontalizado em uma perspectiva de despertar o interesse pela leitura crítica, tendo o texto visual como base. Nesse sentido é bom destacar que a intenção do trabalho foi a de trabalhar na perspectiva de que a imagem é um texto, sem desconsiderar outros códigos que invariavelmente estão presentes na organização estrutural da narrativa, tais como o linguístico e o semiótico. Procuramos construir, junto com os aprendizes, alicerces de significados que privilegiem um posicionamento crítico do mundo, buscando o fortalecimento de um contexto em que: os leitores percebam a imagem como um modo de representação que possa e deva ser interpretado segundo a perspectiva de cada um; em que a criação de tais significados que, há até pouco tempo só focavam o texto escrito, possam abranger também outras modalidades comunicativas.

2. Percorso Teórico-Methodológico

Desenvolvemos o estudo a partir do instrumental teórico e conceitual da Linguística Aplicada e Comunicação. Realizamos um trabalho interdisciplinar envolvendo Comunicação, Linguística e Cultura. Cada uma dessas áreas forneceu elementos fundamentais na construção desta análise. Para a elaboração deste trabalho, recorremos a autores como Cristina Costa, Ana Maria Balogh, Sandra Rimão, Arlindo Machado, teóricos da comunicação preocupados com as problematizações geradas pela televisão. Os estudos de Bakhtin (1992; 2004) nos ajudaram a entender as questões relacionadas às interações sociais, e os de Vygotsky nos fizeram compreender a importância do processo mediativo na relação ensino-aprendizagem. Vinculamos nosso trabalho à Teoria da Estética da Recepção e do Efeito Estético, propostas defendidas por Jauss (1979) e Iser (1996), que concebem o leitor como um componente estruturante da obra artística, isto é, que exerce um papel vivo e ativo, previsto pela própria estrutura da obra. Jauss (1979) está interessado na recepção da obra, na maneira como ela é recebida. Iser (1996) concentra-se no efeito que a obra causa, ou seja, na ponte que se estabelece entre o texto literário e seu efeito concretizado pelo leitor. Adotamos o método da Pesquisa-Ação por ser constituído de duplo objetivo, pesquisa e ação que veio corresponder as nossas expectativas investigativas. A adequação da Pesquisa-Ação ao nosso trabalho decorre do fato de buscarmos enfaticamente um método que evitasse o distanciamento entre a teoria e a prática e por ser um método participativo e porque se coaduna à educação.

Outra característica que satisfaz aos propósitos de nossos objetivos é o posicionamento do pesquisador, que não se coloca como um mero observador afastado do objeto de estudo, mas interfere e interage com os membros do grupo, na busca de solucionar o problema detectado. Mais uma razão para adotar a Pesquisa-Ação foi a possibilidade do reconhecimento de que um sistema social pode ser mais profundamente entendido se o pesquisador tornar-se parte do sistema social técnico que está sendo estudado, realizado com sucesso aplicando intervenções positivas no sistema, o que permite readaptações e alterações de rumo ao longo processo. Nesse sentido, torna-se relevante buscar no conceito teórico de Pesquisa-Ação elucidações para esse método. No Brasil, um dos grandes nomes da Pesquisa-Ação é o professor Michel Thiollent (1998), que a define como:

Um tipo de pesquisa social com base empírica, que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo, e no qual os pesquisadores e os representantes da situação

ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 1998:16).

Para o autor, os principais aspectos da Pesquisa-Ação, considerando-a como uma estratégia metodológica, são: ampla e explícita interação entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada; a ordem de prioridade dos problemas a serem pesquisados e das soluções a serem encaminhadas sob a forma de ação concreta e um acompanhamento das decisões e das ações e de toda atividade intencional dos atores da situação. De acordo com Thiollent (1998:36), a Pesquisa-Ação pressupõe uma concepção de ação, que “requer, no mínimo, uma definição de vários elementos: um agente, ou ator, um objeto sobre o qual se aplica a ação, um evento ou ato, um objetivo, um ou vários meios”. Trata-se de um método constituído de uma ação educativa que tenta promover o conhecimento da consciência e a capacidade transformadora dos grupos com quem se trabalha. Busca superar, essencialmente, a separação entre conhecimento e ação. É um processo cíclico, o que envolveu 4 momentos, de acordo com Susman e Evered (1978): 1 – diagnóstico; 2 – ação; 3 – avaliação; e, 4 – reflexão.

Consideramos importante situar o lugar teórico em que solidificamos nossa investigação. Optamos por um enquadramento integrado que pudesse dar conta da complexidade do nosso objeto de estudo, qual seja a leitura da imagem. Adotamos a concepção sociointeracionista cognitivista para entender a linguagem, e, como fundamentação principal, as concepções de Iser (1999) e Jauss (1979), através da teoria da estética da recepção e do efeito estético. Ancoramo-nos nas ideias de Vygotsky (2007) e Bakhtin (1994), por entendermos que ambos contribuem para uma melhor compreensão do objeto em estudo. E para explicar a junção desses dois autores, recorreremos ao filósofo italiano Ponzio (2008) que nos faz ver que suas ideias se cruzam. Com ele aprendemos como promover, responsivamente, esse encontro. Segundo o autor, Vygotsky tem a mesma abordagem cultural do Círculo de Bakhtin e, em comum, o mesmo viés marxista, em campos como a Psicologia, Filosofia da Linguagem, Literatura e Semiótica. Ponzio percebe, em ambos, igual tratamento em temas como a relação entre o individual e o social, estrutura e superestrutura, consciência e ideologia social, signo e ideologia. De acordo com Ponzio (2008), como Vygotsky, Bakhtin se opõe a reduzir a “reação verbal” a um fenômeno de caráter unicamente fisiológico, do qual se exclui o elemento sociológico. Os dois autores pensam igualmente que os signos, a linguagem verbal em especial, não são somente instrumentos de transmissão de significados, de experiências individuais já configuradas, mas instrumentos de significação, de constituição de experiências individuais, dos processos interiores, mentais, que, assim como os signos que

empregam, são também sociais. Analisando as obras dos dois autores, fica evidente que, embora partindo de objetivos diferentes, Bakhtin, na construção de uma concepção histórica e social da linguagem, em “Filosofia da linguagem”, e Vygotsky, na formulação de uma psicologia historicamente fundamentada, em “Psicologia do conhecimento”, muitos são os pontos de encontro entre suas ideias.

Na teoria sociointeracionista de Vygotsky (1998), percebemos que as interações permitem pensar um ser humano em constante construção e transformação que conquista e confere novos significados para a vida em sociedade. O tema principal da estrutura teórica de Vygotsky é que a interação social exerce um papel fundamental na cognição. Sua tese central consiste no fato de que as crianças compreendem e internalizam o discurso que os adultos usam para orientá-las. Dessa forma, elas passam a examinar os seus próprios pensamentos e crenças, refletindo sobre eles, assim como faz o adulto. Para Vygotsky,

O momento de maior significado no curso do desenvolvimento intelectual, que dá origem às formas puramente humanas de inteligência prática e abstrata, acontece quando a fala e a atividade prática, então duas linhas completamente independentes de desenvolvimento convergem (VYGOTSKY, 1998:33).

Dentre outros, os fatores mais relevantes das ideias de Bakhtin (2004), busca compreender os dois conceitos fundamentais que embasam seu pensamento: a interação verbal e a noção de dialogismo, os que mais particularmente nos interessam no presente trabalho. Bakhtin (2004) assume a interação como essencial no estudo dos fenômenos humanos, salienta o valor da compreensão construída a partir dos signos, destacando-se o caráter interpretativo dos sentidos construídos. Para Bakhtin (idem), o dialogismo é mais que uma forma de interagir; é uma propriedade da língua. Essa natureza essencialmente dialógica da linguagem implica no papel do outro e da estrutura social com a qual o indivíduo dialoga. Ao deslocar o conceito de diálogo para dialogismo constituinte de toda interação verbal, o pesquisador coloca no mesmo patamar interacionista, a fala e a escrita. Sobre o dialogismo afirma:

[...] Na verdade toda palavra tem duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige a alguém. Toda ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. [...] (BAKHTIN, 2004:113).

Dessa forma, percebemos o cruzamento das ideias desses dois autores, Vigotsky e Bakhtin, que apontam para uma noção de linguagem que engloba a sua natureza interativa e dialógica, da aprendizagem e da significação. Na teoria da estética da recepção, buscamos entender os estados do prazer estético que vinculam o leitor à obra através dos estudos de Iser (1999) e Jauss (1979), que contribuíram para demolir a visão textualista de que o livro se basta. Remetemos-nos aos fundamentos da teoria da estética da recepção para compreender a interação texto-leitor e a concepção do leitor implícito, pois de acordo com o pensamento desses autores, o leitor e o texto dialogam e, nesse diálogo contínuo, os dois se transformam. Nem o leitor nem o texto se superpõem um ao outro.

2.1. A estética da recepção e do efeito em suas bases conceituais

Entendemos as imagens como texto, ou seja, uma trama, uma rede que emana sentido, cujo código, ao invés de palavras, utiliza-se dos elementos visuais como estruturas significantes, então, podemos pensar no espectador de uma obra imagética, como um leitor. Para isso, apoiamos-nos, como ênfase teórica na estética da recepção e do efeito – Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser – teoria da literatura da Escola de Constanza, que surge da confluência da Poética e da Hermenêutica. A teoria lançada por Jauss no início da década de 1960 postula a ideia de que o texto é atualizado pelo leitor, ou seja, é o processo de recepção e efeito de uma obra que instaura o significado. A obra é, então, mutável, as leituras diferem em cada tempo e lugar em que são lidas. A obra determina a recepção, cada leitor pode reagir, conforme seu repertório, individualmente ao texto, contudo, o ato de leitura é social. A experiência estética, segundo Jauss (1979:47) torna-se emancipadora na medida em que abarca três atividades primordiais, que, embora distintas, relacionam-se entre si: *poiesis*, *aisthesis* e *katharsis*. A *poiesis* compreende o prazer do leitor ao sentir-se coautor da obra literária; *aisthesis*, o prazer estético advindo de uma nova percepção da realidade, proporcionada pelo conhecimento adquirido por meio da literatura; e, a *katharsis* é o prazer proveniente da recepção, que proporciona tanto a liberação quanto a transformação das convicções do leitor, conduzindo-o para novas maneiras de pensar e agir sobre o mundo.

Para Iser (1996), o verdadeiro objeto literário não é o texto objetivo e nem a experiência subjetiva, mas a interação entre ambos. A interação texto-leitor requer do leitor atividades imaginativas e perceptivas, gerando um efeito estético. A comunicação entre o texto e o leitor ocorre por meio do diálogo, pois, o “texto ficcional

deve ser visto como comunicação, enquanto a leitura se apresenta como uma relação dialógica”. (ISER, 1996: 123). Para Iser (1996) o verdadeiro objeto literário não é o texto objetivo e nem a experiência subjetiva, mas a interação entre ambos. Uma das principais premissas teóricas de Iser (1996) é o leitor implícito, entendido como uma estrutura textual que oferece pistas sobre a conduta da leitura. O autor se reporta ainda a teoria do efeito estético que possibilita a escrita sintonizada com o compasso da própria criação artística; um percurso feito pelo leitor, que, ao acompanhar o texto, vai formando seu entendimento. O termo “efeito estético” tem sido utilizado porque, ainda que se trate de um fenômeno desencadeado pelo texto, a imaginação do leitor é acionada para dar vida ao que o texto apresenta e reagir aos estímulos recebidos. Iser ressalta a importância do ato de leitura, que atribui ao leitor um papel nuclear, afirmando:

Como o texto literário só produz seu efeito quando é lido, uma descrição desse efeito coincide amplamente com análise do processo e leitura. Por isso, a leitura se encontra no centro das reflexões seguintes, pois nela os processos pelos textos literários podem ser observados (ISER, 1996:92).

O autor mostra que o texto só se concretiza através da atuação do leitor e que, por essa razão, não pode ser compreendido como sendo, por si mesmo, a forma que assegura sua significação. Para a estética da recepção, o leitor é importante porque é o sujeito agente na leitura da obra literária. É ele quem capta, na obra, o que o autor “deseja” transmitir. Nesse sentido, podemos dizer que a teoria da estética da recepção e do efeito estético oferece condições de analisar a recepção do texto literário **Hoje é dia de Maria**. A estética usada na obra é composta pelo inconsciente brasileiro, conduzido delicadamente pelo fio da infância, com o cuidado de não ser regionalista. Sua marca principal é a ancestralidade, o que lhe permite imaginar mais que copiar, sentir mais que descrever e explicar. A ancestralidade transpassa fronteiras e, assim, inexplicavelmente, como ela só, uniu João Cabral a Sevilha, João Gilberto ao *jazz*, Ariano Suassuna a Cervantes. Uma estética construída a partir da reciclagem de todo material usado em cena, fazendo uma ligação com o tempo, em uma intenção visível de reencontrar a antiga vida daqueles objetos, assim como a alma daquelas histórias. Uma história que sai da gaveta de brinquedos velhos, mas que carrega uma dose de imaginação aos olhos de quem estará com eles, pois estão carregados de sonho humano.

A personagem Maria inicia sua jornada como criança, chega à idade adulta e retorna à infância, mergulha e promove a narrativa do inconsciente coletivo

a partir das expressões folclóricas brasileiras, com a participação de figuras emblemáticas da cultura popular. A magia da infância vai surgir à frente do espectador. A produção popular dialoga com o passado, estabelecendo formas especiais de intertextualidade. Do ponto de vista da estética da recepção, podemos dizer que o texto **Hoje é dia de Maria** apresenta condições de promover uma fusão com o horizonte de expectativas do leitor, pois o conhecimento que detém sobre a cultura e o folclore brasileiros é evocado no ato da leitura da minissérie, facilitando a compreensão do texto o que lhe propicia a ampliação de seu horizonte, a literatura participa da construção do indivíduo como membro de uma sociedade. Configura-se assim, uma combinação recepção-efeito. Ao fundir a realidade e ficção, o autor propõe possíveis novas leituras sobre a vida do homem sertanejo, conduzindo o leitor a analisar sua maneira de perceber as relações que são tecidas no transcorrer da história, possibilitando uma interação adequada da obra com o leitor. No decorrer do texto, as informações exigem que o leitor refaça certas expectativas, pois o autor vai desconstruindo a história à medida que os mistérios da vida de Maria vão sendo lançados, em uma perspectiva de desvendamento do problema existencial que carrega ao longo de sua caminhada e que, supostamente, poderia ter influenciado na formação de seu caráter.

3. Análise das Sessões de leitura

Usando a mediação pedagógica, que de acordo com Masetto (2000:144-145), “é o comportamento do professor que se coloca como um facilitador, incentivador ou motivador da aprendizagem”, realizamos em sala de aula, a leitura dos oito episódios da minissérie televisual **Hoje é dia de Maria**. A atividade teve início com a exposição de temas introdutórios sobre televisão, O que é imagem, linguagem televisiva, O que é narrativa, elementos da narrativa, a ficção na TV, formatos da ficção na TV dentre outros, que serviram como elemento facilitador para a determinação do horizonte de expectativas, assim como para a análise crítica do texto. O segundo momento dedicamos a exibição da minissérie na sala de aula que acabou provocando a ruptura do horizonte de expectativas, pois o texto escolhido, mesmo sendo possuidor de um conteúdo que retrata a realidade já conhecida do folclore nordestino, suscitou ao mesmo tempo nos espectadores, reconhecimento e certos estranhamentos. O terceiro momento foi dedicado ao processo de mediação que correspondeu aos questionamentos e a ampliação dos horizontes de expectativas dos leitores. Isso significa que as reflexões elaboradas no percurso de leitura possibilitaram mudanças quanto à apreensão do significado da obra.

Nos primeiros diálogos estabelecidos entre o leitor e o texto dessa obra, observamos que poucas hipóteses foram levantadas, mas, à medida que a leitura da imagem se desenvolvia, percebemos maior desenvoltura, o grupo conseguia elaborar um juízo de valor sobre a obra. O sistema de referências, contudo, não se restringia apenas aos aspectos estéticos, atingia o social, intelectual, ideológico e linguístico. O espectador e o texto passam a interagir, cada um recebendo sentidos pré-construídos um pelo outro, o mundo visível passa, então, a ser exposto sob o prisma incontrolável da subjetividade, exigindo um saber prévio por parte do leitor, que passa a se reconhecer no texto. Nessa relação de prazer e conhecimento que é travada por meio do diálogo entre texto e leitor, configura-se a experiência estética que tenta responder as indagações surgidas no ato da leitura individual, sendo o texto um dispositivo a partir do qual o leitor aciona a construção de suas representações. A qualidade estética será determinada pela estrutura do texto, pela forma como se organiza.

As reações surgiam espontaneamente, revelando as construções particulares de mundo vivido e de mundo reflexivo. De maneira geral, o texto conseguia prender a atenção, como que sugerindo um caminho de leitura, a efetivação de uma experiência estética que segundo Jauss (1979) promove a emancipação do leitor. Nesse sentido, podemos dizer que a experiência estética da leitura de **Hoje é dia de Maria** possibilitou ao espectador sentir que seu horizonte individual, moldado à luz da sociedade de seu tempo, une-se ao horizonte da obra e que, esse encontro começa a lhe proporcionar maior conhecimento do mundo e de si próprio. Nas impressões conseguimos verificar a descoberta de alguns fios condutores da história, que apontam para uma sistematização do conteúdo. Também percebemos a relação que os alunos estabeleceram com os vazios do texto e de que maneira eles foram capazes de preenchê-los, cumprindo o papel que lhes cumpre no jogo interpretativo. O fragmento que destacamos visa mostrar as reflexões dos alunos sobre a narrativa:

Mediadora: *O que mais vocês gostaram na história?*

Laura: *Das músicas, cantigas de roda que me faz lembrar antigamente... minha avó falava dessas músicas, contava histórias de tantas Maria...*

Renato: *Achei interessante foi a casa onde morava. A casa da minha avó era daquele jeito, achei muito interessante na hora em que ela estava fazendo o café no fogão a lenha.*

Mediadora: *O que vocês mais destacam nesse episódio?*

Renato: *Os animais que eram manipulados por pessoas, marionetes.*

Lúcia: *O céu da paisagem era artificial. Outra coisa são as roupas, ninguém usa aquelas roupas durante o dia no sertão de verdade.*

Mateus: *O pai dela pensava que a mãe iria voltar. Achava que ela tinha ido embora.*

Fernanda: *Isso está na imaginação dele, entendeu?*

Mediadora: *Muito bem! É isso mesmo.* (SESSÃO 1, 21.10.09)

Através da experiência estética fundamentada na teoria da Estética da Recepção e do Efeito, os educandos atestaram que os resultados culminaram no desenvolvimento de formas autônomas de perceber a realidade, de discernir sobre a construção textual televisiva e os múltiplos sentidos que podem ser atribuídos. Conseguimos visualizar a evolução dos espectadores que passaram a perceber-se como agentes midiáticos e não como receptores passivos. Reconhecer essa realidade significa que estivemos vivenciando uma experiência estética prazerosa e enriquecedora do ponto de vista do aprendizado, o que só nos levou a reforçar que a mídia representa um campo autônomo de conhecimento que deve ser estudado e ensinado aos jovens da mesma forma com que estudamos e ensinamos outras disciplinas.

Considerações Finais

Com base na Teoria da Estética da Recepção e do Efeito, a obra televisiva levou o grupo a interagir e dialogar com as imagens, as quais geraram diferentes tipos de interpretações e discursos. O pesquisador e os participantes foram repensando e redescobrimo significados. O trabalho de interpretação da imagem pressupôs uma relação com a cultura, com o social, com o histórico e com a formação social do homem. Gradativamente os alunos vão aceitando que poderá haver mais de uma interpretação para a imagem. Isso vem com a consciência de que a interpretação se dá de acordo com sua subjetividade e não mais se submetendo às ideias que o autor teria intencionado. A percepção artística se desenvolve e os aprendizes descobrem que a obra contém numerosas implicações, e cabe a ele deduzir os significados, independente daqueles que o autor queria comunicar.

O texto possibilitou que os alunos percebessem que a representação da realidade está presente nos textos visuais tanto quanto nos escritos, pois até então entendiam que a imagem era fiel à realidade. Com essa leitura e com o estímulo ao senso crítico, os participantes puderam ampliar suas compreensões a respeito da imagem. Passaram a ter uma postura mais observadora, questionadora, analisando, discutindo e esforçando-se para interpretar as imagens, tendo como base a teoria da

recepção e do efeito estético para interpretar criticamente as imagens. Durante a pesquisa, distinguimos dois tipos de leitores da imagem: os que tiveram dificuldades para interpretar o sentido metafórico envolvido nas imagens, passando a interpretá-las pelo sentido referencial; e os que percebiam, de forma crítica, o sentido subjacente à imagem. O modo de leitura presente entre esses alunos foi o da identificação pura e simples do objeto da imagem. Identificamos, ainda, uma diferença quanto às condições de apreensão do conteúdo entre os educandos no que se refere ao caminho percorrido por eles para compreensão da obra **Hoje é dia de Maria**. Um grupo de 10 alunos baseou-se em seus horizontes de expectativas, e um grupo menor de 7 estudantes baseou-se nas indicações fornecidas pela estrutura do texto, muito embora tenham valorizado a experiência estética pelo prazer que sentiram no ato da leitura. Observamos, contudo, que a atribuição do sentido referencial prevaleceu apenas para um grupo de 7 alunos que demonstrou a falta de contato com outros tipos de produções relacionadas com a arte, enquanto o outro grupo de 10 alunos observamos a constituição de um sentido mais subjetivo, demonstrando melhor desenvolvimento estético, o que aponta para a eficácia das interações com o objetivo do conhecimento.

Referências bibliográficas

- Alves, M. C. e Alves, N. (2008). A leitura de imagens na perspectiva social. São Paulo, Cortez.
- Bakhtin, M. M. (1992). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, Ed. Hucitec.
- _____. (2004) *Estética da criação verbal*. São Paul, Ed. Martins Fontes.
- _____. (2004). *O Pesquisador e Seu Outro*. São Paulo, Ed. Musa.
- Costa, L., C.(1979). *O leitor demanda (da) literatura*. In ____ (Org). *A Literatura e o leitor: textos da Estética da Recepção*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- Fontana, R. C. A. (1996). *Mediação pedagógica em sala de aula*. Campinas, São Paulo. Autores Associados, (Coleção Educação Contemporânea).
- Franco, M. (2005). *Pedagogia da pesquisa-ação*: In: ____ *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, nº 3, p. 483-502.
- Freitas, M. T. A. (1994). *O pensamento de Vygotsky e Bakhtin no Brasil*. Campinas, Papirus.
- INSTITUTO, Brasileiro de Geografia e Estatística (2001). *Publicação em formato pdf*. <http://www.ibge.gov.br>. Acessado em 22.de abril de 2º10.
- ISER, W. (1996). *O ato de leitura: uma teoria do efeito estético*. Trad. Johannes, K. São Paulo, Ed. 34, vol.1. .
- _____. (1999). *O ato de leitura: uma teoria do efeito estético*. São Paulo, Ed. 34, vol 2.
- _____. *O Prazer estético e as experiências fundamentais*

- da poiesis, aisthesis e kataharsis. (1979) In: lima, L. (Org) A Literatura e o leitor – Textos de Estética da Recepção. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra.
- Jauss, H. R. (1979). Pour une esthétique de la réception. Paris, Gallimard.
- _____. (1986) Experiência estética y a hermenêutica literária. Trad. Jaime S. e Ela M. F. – Palácios. Madrid: Taurus.
- Masetto, M. T. (2000). Mediação Pedagógica e o uso da tecnologia. In: Novas Tecnologias e mediação pedagógica. Campinas, Ed. Papirus.
- Susman, G. I. e Evered, R. D. (1978). An Assessment of the Scientific Merits of Action Research Administrative Science Quarterly, v.23, December.
- Thiollent, M. (1998). Metodologia da Pesquisa-Ação, São Paulo, Ed. Cortez.
- Ponzio, A. (2008). A Revolução Bakhtiniana. São Paulo. Ed. Contexto.
- Vigotsky, L. S. (1998) Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo, Ícone.
- _____. (2007) A formação social da mente. 7ª ed São Paulo, Ed. Martins Fontes.
- Zilberman, R. (1989). Estética da recepção e história da literatura. São Paulo, Ática.